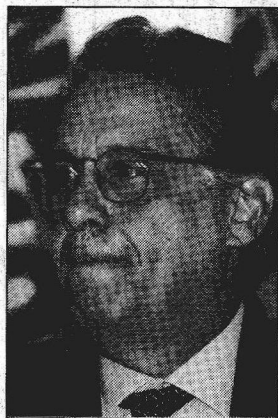


“Eleição boa é aquela em que a gente escolhe o nosso candidato e o candidato adversário”

Marco Maciel,
vice de Fernando Henrique

ELEIÇÕES
94

Quem foi quem no jogo eleitoral



Wladimir Gramacho

Cem milhões de eleitores afiam a pontaria amanhã para acertar, na cédula, o quadrado ao lado do nome do futuro presidente. Acabou o primeiro turno da campanha eleitoral.

Depois de hibernar por um mês — enquanto a Seleção canarinho conquistava o tetracampeonato em campos lanques —, oito presidentes possíveis com as mais variadas caras e idéias desfilaram pelo Brasil, entre agosto e setembro.

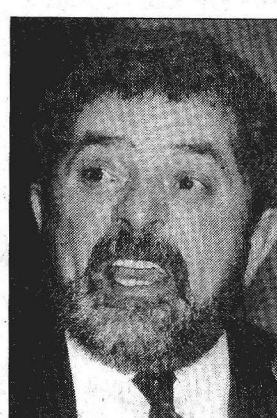
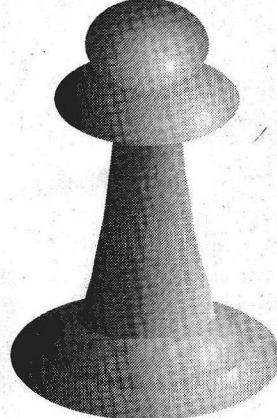
Os gastos com a campanha, com origem mais visível, foram envergonhados se com-

parados com os de 1989. Não há o mesmo carnaval de bandeiras nas ruas, nem a abundância de adesivos, santinhos e cartazes.

Os programas de TV, sem efeitos especiais ou artistas famosos, ficaram sem a graça da última eleição. Os telespectadores descobriram que, na verdade, um presidente não é um super-herói, que emociona multidões. Apenas um político com um discurso.

Na véspera da eleição — chamada por muitos de plebiscito do real — fica um problema. Faltou o velho e bom debate, prometido para um segundo turno que ninguém sabe se virá.

A responsabilidade pelo novo governo é, agora, do eleitor.



FHC tinha em maio...

16%

... e agora tem

47%

Lula chegou com...

23%

...apesar de começar em

42%

O senhor do real

Enquanto a Caravana da Cidadania avançava seus primeiros quilômetros, um sociólogo com fama internacional trocava o Itamarati pela Fazenda e avisava que queria mais: o Palácio do Planalto.

Com carta branca do presidente Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso — transformado pela imprensa em FHC, porque seu nome, de 18 toques, não cabe nas manchetes — assumia o destino da economia de um país com inflação mensal de 30%.

Coordenando uma equipe de notáveis — com Edmar Bacha, Pedro Malan, Pêrsio Arida, Gustavo Franco e Osiris Lopes Filho — Fernando Henrique começava a gerenciar o plano econômico que se transformaria no seu principal cabo eleitoral.

Gravata — O primeiro golpe: cortar três zeros do cruzeiro real. O segundo: elevar a arrecadação da Receita.

Depois vieram a redução dos gastos do Executivo, a criação do Fundo Social de Emergência, da Unidade Real de Valor (URV) e, finalmente, o lançamento do real.

Em abril já se sabia que a moeda

circularia em julho. Era hora do ministro tirar o paletó, afrouxar a gravata e botar o pé na estrada.

Sem palanque em todos os estados e desconhecido dos eleitores, o ex-ministro recebeu galanteios dos caciques petelistas e convites do pequeno e rico PTB.

Nunca tinham namorado, mas, de supetão, aceitaram o casamento a três.

O primeiro cônjuge, o ex-vice Guilherme Palmeira, não durou muito. Foi posto a pique por denúncias de corrupção.

Maciel — Foi necessário, então, colocar um nome de peso na campanha. Indicaram como vice substituto o senador Marco Maciel, político experiente e hábil negociador.

A estabilidade do discurso tucano e do valor do real entortaram definitivamente os ponteiros das pesquisas, que passaram a prever a vitória de Fernando Henrique já no dia 3 de outubro, amanhã.

Sem militância eufórica, mas com a simpatia de milhões de consumidores, os tucanos chegam na frente.

Os grandes sustos da campanha de Fernando Henrique foram as inconfidências parabólicas de Rubens Ricupero e os bilhetes de Alexis Stepanenko

Lula viveu momentos de tensão com o caso do seu ex-vice José Paulo Bisol, acusado de elaborar emendas para o Orçamento em benefício próprio

Pela estrada afora

Pé no chão, mochila nas costas e a companhia ao lado. Há um ano e cinco meses, o torneio mecânico Luiz Inácio Lula da Silva se lançava candidato à sucessão presidencial pela segunda vez.

Dono de 31 milhões de votos na eleição de 1989, o líder petista largava na frente, sozinho, e conquistava a simpatia do eleitorado pobre, visitando 80 cidades do interior numa viagem entre Pernambuco e São Paulo.

Um ano depois, chegava a vez de sacudir a poeira e dar a volta na ala radical do PT, para elaborar um programa de governo simpático à opinião pública e segurar a dianteira das pesquisas.

Americanos — Da reunião com os petistas direto para um encontro com banqueiros em Nova Iorque: a ordem era verificar um dos termômetros do mercado internacional quanto à candidatura petista.

A receptividade dos norte-americanos não foi das melhores. Sobraram dúvidas. Faltaram idéias em comum.

Lula voltava ao Brasil trazendo na bagagem apenas uma inocua declaração de imparcialidade do governo dos EUA.

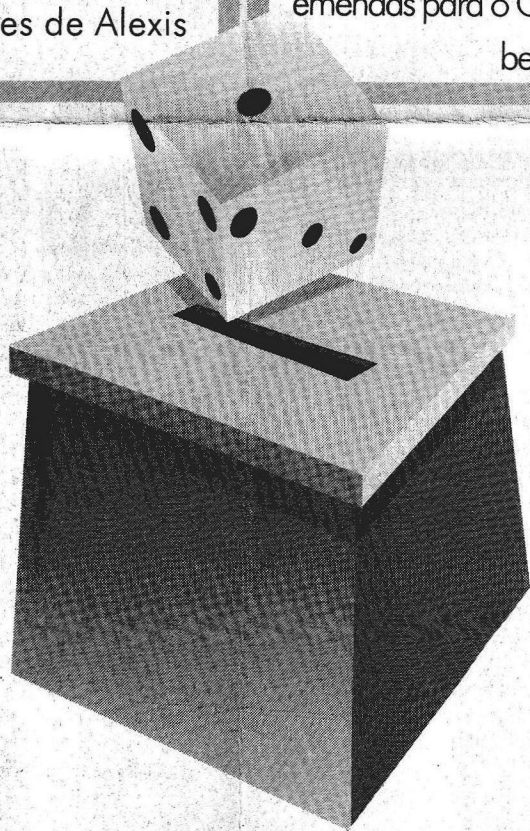
Vieram as denúncias contra o senador José Paulo Bisol, que o derrubaram como vice da chapa. Lula entrou cambaleante na campanha de verdade, com programa de tevê, comércio e tudo mais.

Carrancudo — Foi assim que apareceu na telinha um Lula carrancudo, com ar pesado. Um olho no calendário, outro no festejado lançamento da nova moeda, que alavancou a subida do adversário nas pesquisas.

Veio a virada: Lula despencou e reduziu seu eleitorado à militância conhecida, perto de 20%.

Mais um mês e apontou no horizonte a reta final. No desespero de garantir a passagem para o segundo turno, Lula resgatou a alegria petista, convocou seus militantes às ruas e mudou o discurso.

Amanhã, depois dos tropeços, chega à urna um Lula que só quer uma segunda chance. Para levar a disputa até 15 de novembro e tentar mostrar como fará um Brasil melhor nos próximos quatro anos.

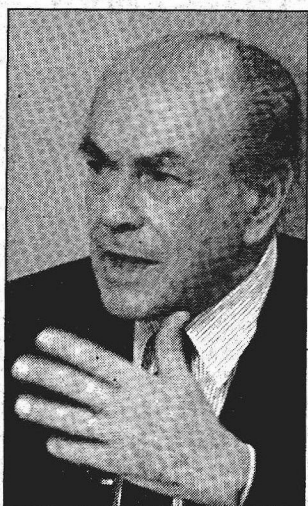


ESPERIDIÃO AMIN



Comunicada a desistência do prefeito Paulo Maluf em concorrer à sucessão pelo PPR, o sacrifício de enfrentar Lula e Fernando Henrique sobrou para Jarbas Passarinho e Esperidião Amin. O velho coronel-senador saiu de fininho da disputa interna e foi brigar pelo governo do Pará. Amin, confiante no sucesso da esposa Angela — candidata ao governo de Santa Catarina —, gastou seu tempo falando bem, mostrando segurança em seus projetos, e esperando a hora de virar marido de governadora.

LEONEL BRIZOLA



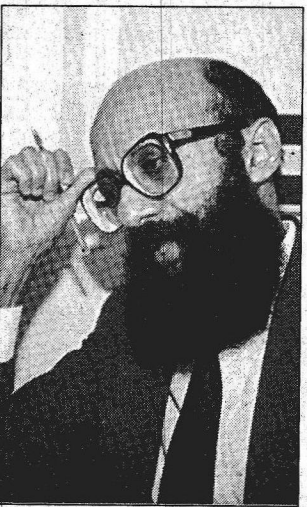
O histórico Leonel Brizola, herdeiro do trabalho de Getúlio Vargas e João Goulart, inspirado no velho PTB, entrou mesmo para a História. A última chance de virar presidente acabou a poucos votos de Lula, em 1989, quando foi o terceiro mais votado. Como único líder nacional do PDT, voltou a concorrer usando a mesma tática. Criticou a Rede Globo e os institutos de pesquisa. Reduziu o brizolismo a medíocres 4% das intenções de voto.

ALMIRANTE FORTUNA



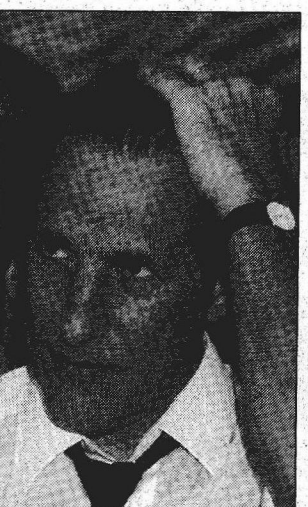
Inofensivo. O almirante Hernani Fortuna, do PSC, foi o nanico bem comportado. Por uma brecha na lei, candidatos sem expressão nacional nem partidos estruturados podem aparecer para todo o País e sonhar com o que fariam se fossem presidentes. Ex-comandante da Escola Superior de Guerra, Fortuna falou de seus projetos sem agredir os adversários. Resultado: não passou de 1% nas pesquisas. Mas também não violentou o eleitor.

ENÉAS CARNEIRO



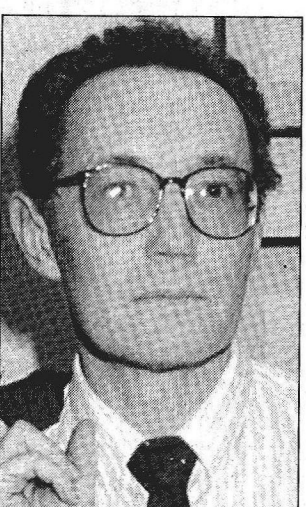
Um médico acreano começou a campanha como sábio auto-denominado e terminou como sabichão gazeteiro do Hospital do Câncer, no Rio de Janeiro. Enéas Carneiro, um ex-cabo do Exército que comandava um pelotão de generais da reserva sem influência na caserna, tentou de novo ser presidente da República. Ídolo dos neo-nazistas e neo-fascistas espalhados pelo País, o candidato do minúsculo Prona desponta como terceiro colocado nas pesquisas.

ORESTES QUÉRCIA



Orestes Quêrcia ganhou o PMDB de José Sarney para ser candidato. Não deve virar presidente e vai ter que ganhar o partido de novo para sobreviver até a próxima eleição. Fazendo campanha nos redutos peemedebistas, Quêrcia quase não saiu de São Paulo. Acabou perdendo o palanque do Rio Grande do Sul, onde o partido é forte mas não é sensível ao quercismo. Cabeça a cabeça com Enéas e Brizola, Quêrcia luta para conquistar um prêmio de consolação: chegar na frente dos nanicos.

CARLOS GOMES



O poderoso PRN de Fernando Collor esteve irrecognível. Começou com um fanhoso Walter Queiroz, cassado pelo próprio partido, e acabou com um caseiro Carlos Gomes, que fez turismo com a esposa durante o resto da campanha. Com o PL não foi diferente. Usaram a legenda como brinquedo do jovem Flávio Rocha, um inexpressivo deputado mais conhecido por ser filho do dono das lojas Riachuelo. Acabou cassado por vender bônus eleitorais pela metade do preço.

